



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CAMPUS DE QUIXADÁ**  
**CURSO DE DESIGN DIGITAL**

**ALEXYA CALIXTO DE SOUZA**

**VAMO GIRL!/: AMBIENTE DIGITAL PARA O APOIO DE MULHERES  
VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA**

**QUIXADÁ**  
**2021**

ALEXYA CALIXTO DE SOUZA

VAMO GIRL!: AMBIENTE DIGITAL PARA O APOIO DE MULHERES VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Design Digital na Universidade Federal do Ceará Campus Quixadá, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Design Digital.

Orientadora: Prof. Dra. Ingrid Teixeira Monteiro

QUIXADÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S713v Souza, Alexya Calixto de.  
VAMO GIRL!: Ambiente digital para o apoio de mulheres vítimas de violência / Alexya Calixto de Souza. – 2021.  
55 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Quixadá, Curso de Design Digital, Quixadá, 2021.  
Orientação: Profa. Dra. Ingrid Teixeira Monteiro.
1. Violência contra a mulher. 2. Grupos de autoajuda. 3. Design Participativo. I. Título.
- 745.40285 CDD
-

ALEXYA CALIXTO DE SOUZA

VAMO GIRL!: AMBIENTE DIGITAL PARA O APOIO DE MULHERES VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Design Digital na Universidade Federal do Ceará Campus Quixadá, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Design Digital.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Ingrid Teixeira Monteiro (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Valdemir Pereira de Queiroz Neto  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª. Dra. Paulyne Matthews Jucá  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A minha família

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, que me deu força para concluir esta etapa de minha vida.

Agradeço aos meus pais e minha família, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem. Por me incentivarem a estudar e não terem medido esforços para que eu conseguisse me formar. Sem o apoio de vocês eu não teria conseguido.

Ao meu namorado Gino Eliaquim por sempre estar ao meu lado quando mais precisei, por me apoiar em todas as decisões, por me fazer acreditar em mim mesma e ter vivido esse sonho comigo. Agora vamos ter vários outros sonhos para serem vividos juntos.

A família do meu namorado, minha segunda família. Vocês são muito importantes pra mim. Obrigada por acreditarem tanto em mim.

A minha orientadora, a Profa. Ingrid Teixeira Monteiro, por aceitar me orientar e me ajudar a cada passo que era dado. Obrigada por ter me ajudado a conseguir, você faz parte disso.

Aos professores Valdemir Pereira de Queiroz Neto e Paulyne Matthews Jucá por terem aceitado participar da minha banca e terem me ajudado a moldar esse trabalho.

Aos meus amigos feitos antes e durante a graduação. Isabela, Ranniely, Marly, Igor, Aleksandro, Romilton e Breno. Obrigada por terem dividido esse tempo comigo, por todos os momentos de felicidade e desespero que passamos juntos. Nosso futuro vai ser lindo.

Ao meu amigo Elias Mendes por acreditar em mim e vibrar junto comigo ao receber a nota. Essa amizade não é de agora e vai ser pra sempre!

A todas as pessoas que participaram das pesquisas feitas nesse trabalho. Sem vocês, eu não conseguiria. Esse trabalho é nosso!

A todos da UFC - Campus Quixadá, cada um fez parte desse meu sonho.

A minha cachorrinha Jade, que na verdade é do meu namorado, por me ajudar em momentos de ansiedade e me fazer companhia em momentos tão difíceis que foram os últimos meses, em uma mistura de pandemia e TCC.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que contribuíram para esse trabalho, de forma indireta ou direta.

Obrigada!

“A grandeza da vida não consiste em  
não cair nunca, mas em nos  
levantarmos cada vez que caímos”  
(Nelson Mandela)

## RESUMO

A violência contra a mulher é algo bastante recorrente e muitas mulheres não têm o apoio necessário para denunciar ou conseguir se recuperar de momentos como esse. Muitas mulheres afirmam que sentem medo e vergonha por passar por situações de violência, e por esses e outros motivos não procuram ajuda. Pensando nisso, esse trabalho visa apresentar o Vamo Gir!: uma plataforma web que servirá como uma rede de apoio a essas mulheres. Possibilitando assim, as mulheres conseguirem informações importantes como endereços e telefones de órgãos que tratam de casos de violência, o apoio entre as próprias mulheres por meio de publicações e o auxílio de profissionais como psicólogas e advogadas. O projeto utiliza a metodologia de Design Participativo, fazendo com que as usuárias tivessem participação em todo o processo de construção da solução.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Grupos de autoajuda. Design Participativo.



## **ABSTRACT**

Violence against women is something very recurrent and many women do not have the support they need to report or manage to recover from moments like this. Many women say they feel fear and shame for going through situations of violence and for these and other reasons they do not seek help. With that in mind, this work aims to present Vamo Girl!: a web platform that will serve as a support network for these women. Thus, allowing women to obtain important information such as addresses and telephone numbers of agencies that deal with cases of violence, support among women themselves through publications and the help of professionals such as psychologists and lawyers. The project uses the Participatory Design methodology, making users participate in the entire process of building the solution.

**Keywords:** Violence against women. Self-help groups. Participatory Design.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>TRABALHOS RELACIONADOS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Explorando o Design Participativo como prática de desenvolvimento de Sistemas de Informação.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Design Participativo: Uma Experiência de Criação de Aplicativos com Meninas.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>Design participativo na construção de uma solução para identificação parental do autismo.....</b>	<b>14</b>
<b>2.4</b>	<b>Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1</b>	<b>O movimento feminista e a luta contra a violência.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2</b>	<b>Cibercultura e ciberativismo.....</b>	<b>18</b>
<b>3.3</b>	<b>Design Participativo.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>Pesquisa de campo.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2</b>	<b>Especificação de requisitos.....</b>	<b>23</b>
<b>4.3</b>	<b>Desenvolvimento do protótipo.....</b>	<b>23</b>
<b>4.4</b>	<b>Avaliação do protótipo.....</b>	<b>24</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>5.1</b>	<b>Pesquisa de campo.....</b>	<b>25</b>
<b>5.2</b>	<b>Entrevista.....</b>	<b>26</b>
<b>5.3</b>	<b>Design Participativo.....</b>	<b>27</b>
<b>5.4</b>	<b>Protótipo do Vamo Girl!.....</b>	<b>30</b>
<b>5.5</b>	<b>Teste de usabilidade.....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DO FORMULÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO COM POSSÍVEIS USUÁRIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ASSISTENTE SOCIAL .....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE C - BRAINSTORMING.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE D - REQUISITOS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE E - ROTEIRO TESTE DE USABILIDADE.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE F - RESULTADOS E CÁLCULOS DO FORMULÁRIO DO TESTE DE USABILIDADE.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Uma pesquisa feita em 2017, pelo Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança, mostra que 28,6% das mulheres que foram entrevistadas já sofreram algum tipo de violência, seja ela física, verbal ou psicológica. A partir desses dados, estima-se que mais de 16 milhões de mulheres no Brasil sofreram algum tipo de violência no período de 1 ano. Segundo a mesma pesquisa, 52% das mulheres que falaram que sofreram algum tipo de violência, no ano de 2017, relataram que não conversaram com ninguém a respeito do que aconteceu. Somente 21% das mulheres realizaram uma denúncia formal em uma delegacia comum, ou delegacia da mulher. Ainda, 4% delas ligou para o 190 ou para a delegacia da mulher, porém nenhuma denúncia foi feita (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017).

Outra pesquisa feita em 2017, pelo Instituto DataSenado, mostra que muitas mulheres não denunciam seus agressores por motivos como medo ou vergonha e até mesmo por depender financeiramente deles (DataSenado, 2017). Então para que a denúncia aconteça, é preciso que as vítimas tenham apoio para que se sintam seguras para denunciar e que pessoas que sabem de casos de violência denunciem.

Existem algumas iniciativas que buscam o estímulo da denúncia de casos de violência contra a mulher, como no aplicativo do Magazine Luiza, no qual há uma opção de ligar para o 180 ou falar por chat com o Ministério dos Direitos Humanos. Há também nas redes sociais a iniciativa que chamam de *exposed*, onde as vítimas de assédio e violência contam seus casos em páginas que divulgam anonimamente essas histórias.<sup>1</sup>

O trabalho aqui apresentado tem como público-alvo mulheres que já passaram por situações de violência, ou pessoas que conhecem alguma mulher que já foi violentada. Apresentamos o projeto de um ambiente web, chamado “Vamo girl!”, que pretende contribuir para o apoio de mulheres que sofreram violência. O sistema idealizado tem o intuito de fazer com que essas mulheres tenham o apoio necessário para que possam conseguir denunciar e superar o que aconteceu, conseguindo assim ver que não merecem ser tratadas do jeito que já foram e que esta violência é crime. Importante ressaltar que buscamos sempre escolher mulheres para que componham a rede de apoio, para que as vítimas de violência contra a mulher se sintam mais à

---

<sup>1</sup> @quixadaexpos no Instagram  
@expo.montesclaros no Instagram  
#exposedfortal no Twitter

vontade, visto que foram violentadas por um homem e assim podem não se sentirem confortáveis ao conversar sobre o assunto com outro homem.

Para a concepção do Vamo girl!, as técnicas de Design Participativo (DP) foram utilizadas, de forma que as próprias mulheres fizessem parte do desenvolvimento da solução, trazendo benefícios para ambas as partes (designer e usuário). Isto é possível porque, no Design Participativo, o usuário participa da criação da solução desenvolvida (IIVARI, 2004), e, neste caso, tentamos fazer com que as mulheres se sentissem parte da solução, que foi feita com a ajuda delas e para elas. Dessa forma, construímos uma solução alinhada com o design centrado no usuário, mas que vai além dele.

Como Preece *et.al* (2005) afirmam sobre o design centrado no usuário e a importância de envolver os usuários:

“A melhor maneira, contudo, de assegurar que o desenvolvimento esteja levando as atividades dos usuários é envolver usuários reais durante o desenvolvimento mesmo. Dessa forma, os desenvolvedores podem obter um melhor entendimento das necessidades e dos objetivos dos usuários, o que leva a um produto mais adequado e de maior utilidade.” (PREECE *et.al*, 2005, p.300)

Bonfim *et.al* (2018) falam que somente com as opiniões e vivências dessas mulheres, que são possíveis usuárias, é possível pensar em soluções funcionais para elas, fazendo assim o Design Participativo muito útil no desenvolvimento do trabalho.

Será discutido também a cibercultura e o ciberativismo, onde mostramos as formas deste ativismo online e em qual dessas formas nos baseamos para a concepção do ambiente web.

Este trabalho está estruturado em 5 capítulos. O capítulo 2 apresenta alguns trabalhos relacionados ao tema. O capítulo 3 traz os principais conceitos para a fundamentação da solução. O capítulo 4 apresenta os procedimentos metodológicos. O capítulo 5 apresenta e discute os resultados do trabalho. E por fim, o capítulo 6 apresenta as conclusões e reflexões para os trabalhos futuros.

## 1.1 Objetivos

O objetivo do projeto é o design de um ambiente web que servirá como uma rede de apoio para mulheres que já sofreram ou sofrem violência.

Objetivos específicos:

- Conhecer o contexto relacionado a violência contra a mulher
- Definir informações e ações que serão exploradas no ambiente juntamente com as usuárias.
- Definir os processos para o desenvolvimento do protótipo da solução.
- Avaliar o protótipo com potenciais usuárias.

## **2 TRABALHOS RELACIONADOS**

Nesta seção, serão apresentados alguns trabalhos relacionados que abordam o conceito de design participativo e violência contra a mulher.

### **2.1 Explorando o Design Participativo como prática de desenvolvimento de Sistemas de Informação.**

Em Camargo e Fazani (2014), os autores analisam o Design Participativo (DP) como uma prática que pode ser utilizada no desenvolvimento de Sistemas de Informação, para coletar, analisar e projetar informações.

O trabalho apresenta várias formas de como utilizar o Design Participativo, algumas das quais auxiliaram em algumas fases do desenvolvimento do presente projeto, como, por exemplo, deixar que os usuários tomem suas próprias decisões, e que tenham acesso a informações relevantes sobre o projeto e conceitos que serão abordados. Os autores ainda exemplificam algumas práticas de coleta de dados e desenvolvimento do sistema proposto que ajudaram a nortear este projeto. Como Camargo e Fazani (2014, p.144) explicam: “Para coleta, análise e projeto de requisitos pode-se utilizar cenários para descrever situações do dia-a-dia dos envolvidos, diversos tipos de dinâmicas em grupo, metodologia de análise de redes sociais”, assim fazendo com que se tenha uma variedade de fontes de informações dos participantes.

Os autores também conceituam o Design Participativo de acordo com diversos autores e mostram metodologias que podem ser aplicadas e se preciso reformuladas em projetos que envolvem a participação dos usuários. Essa facilidade de fazer mudanças na metodologia do Design Participativo é importante pois cada projeto pode ser feito de uma forma que fique mais compreensível e simples para os usuários. Pensando nisso, no projeto do Vamo girl! permitimos que as usuárias

participantes tomassem suas próprias decisões por meio do Design Participativo, aumentando o seu engajamento e compreensão sobre o projeto.

## **2.2 Design Participativo: Uma Experiência de Criação de Aplicativos com Meninas**

Em Bonfim *et.al* (2018), as autoras buscam “apresentar uma experiência de ensino de programação de aplicativos móveis para meninas, usando atividades de DP para empoderamento e inclusão digital”. O projeto tem o intuito de construir aplicativos que auxiliem no combate à violência de gênero e raça, praticados no ambiente virtual.

Segundo as autoras, o Design Participativo foi importante no projeto pois somente com as opiniões e vivências das mulheres que participaram foi possível pensar em soluções funcionais para as usuárias, objetivo semelhante ao do projeto do Vamo, girl!. Foi visto que o Design Participativo fez com que as meninas que participaram da experiência se sentissem parte do projeto que também é feito para elas. Na metodologia utilizada, foram explanadas formas de fazer com que essas meninas, que antes não tinham muito contato com a tecnologia, se sentissem mais à vontade para que pudessem começar a criar seus aplicativos. A metodologia utilizada pelas autoras auxiliou na definição da metodologia aplicada no projeto do Vamo, girl!, onde utilizam o *brainstorming* e protótipos em papel no processo de descoberta, e se baseiam também na metodologia de Design Participativo de Spinuzzi debatido mais à frente.

## **2.3 Design participativo na construção de uma solução para identificação parental do autismo**

No projeto de Cândido (2020), a autora tem como objetivo a “construção de uma solução digital que auxilie na identificação parental do TEA, tendo o questionário M-CHAT como base” (CÂNDIDO, 2020, p.16). O trabalho teve o intuito de fazer com que os pais de crianças com autismo conseguissem identificar mais cedo comportamentos característicos do TEA (Transtorno do Espectro Autista) e assim, iniciassem o tratamento mais rapidamente.

A autora utiliza o Design Participativo com a participação de pais de crianças autistas e profissionais da área, assim, como ela explica, evitando a

implementação de funções desnecessárias e aumentando o nível de aceitação e eficiência. No projeto, foi visto como o Design Participativo pode ser usado, e como os usuários podem participar do desenvolvimento do projeto. É relatado que há graus de envolvimento do usuário, os quais, no projeto do Vamo girl!, foram levados em consideração para a participação do usuário, conforme será visto mais à frente.

#### **2.4 Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social**

No estudo desenvolvido por Santi, Nakano e Letierre (2010), as autoras tentam observar a percepção de mulheres vítimas de violência acerca do suporte, apoio e recursos que existem para o combate à violência. Nele, é feita uma pesquisa com 57 mulheres que foram vítimas de violência doméstica e que foram atendidas no Núcleo de Odontologia Legal do Instituto Médico Legal de Ribeirão Preto, entre os meses de maio de 2005 a outubro de 2006.

No estudo, foi visto como as mulheres se sentem em relação à violência, o contexto em que se encontram inseridas e como as instituições tratam casos de violência. Para o projeto do Vamo girl!, foi muito importante reconhecer as dores da vítima e esse estudo nos mostrou exatamente o sentimento delas. Como uma das entrevistadas no estudo relatou: *“Minha mãe queria saber o que eu tinha feito. Num é brincado não! A gente apanha e invés dos outros ajudar, a gente toma mais na cara!”* (SANTI, NAKANO E LETIERRE, 2010, p.420), muitas vezes nem mesmo a família apoia, então elas precisam do apoio de outras pessoas.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para o desenvolvimento do trabalho, foram estudados três conceitos que serão apresentados nessa seção: o movimento feminista e a luta contra a violência, cibercultura e ciberativismo e o design participativo.

#### **3.1 O movimento feminista e a luta contra a violência**

Bandeira e Melo (2010, p.7) explicam sobre o surgimento do movimento feminista da seguinte forma: “O movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do



feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação das mulheres”. Já a autora Bell Hooks conceitua:

Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão. [...] essa definição deixa implícito que todos os pensamentos e todas as ações sexistas são problemas, independentemente de quem os perpetua ser mulher ou homem, criança ou adulto. (HOOKS, 2015, p17)

Segundo Cruz (2007, p.1), o desejo das mulheres feministas é “conviver em uma sociedade na qual haja superação de todas as formas de discriminação e opressão”. Todos esses conceitos querem dizer que o feminismo não é uma luta pela supremacia feminina, como algumas pessoas pensam. E sim, uma luta para que haja igualdade entre os gêneros e que não haja discriminação e opressão.

Sardenberg e Tavares (2016, p.17-18) destacam que “desde a década de 1960, os movimentos feministas de diversos países, articulados internacionalmente, deram visibilidade social às distintas formas de discriminações”. Além disso, e de obstáculos encontrados em diversos setores, como o político, econômico e cultural, as feministas ainda lutavam contra a violência sofrida pela mulher. Desde então, essa luta contra a violência vem sendo cada vez mais importante.

A Organização das Nações Unidas afirma que uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência, seja física ou sexual (ONU, 2015). Segundo dados da Central de Atendimento à Mulher, em 2019, 78,96% das denúncias foram relacionadas à violência doméstica e familiar. Desses casos, a violência física é a mais praticada, seguida pela violência moral e tentativa de feminicídio.

Em 2020, devido à pandemia de COVID-19, as pessoas necessitaram permanecer dentro de casa, e, segundo a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, isso está contribuindo para o aumento de casos de violência contra a mulher, durante o isolamento social. No mês de abril de 2020, subiu 35,9% o número de casos de violência doméstica, comparado ao mesmo mês de 2019. No mês de março, somente no estado de São Paulo, foi identificada uma taxa de 45% de aumento no registro de chamadas no 190 em ocorrências de violência doméstica (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020, p.16).

Em uma pesquisa feita em 2017 pelo DataSenado com 1.116 mulheres, 29% das entrevistadas relataram que já foram vítimas e 71% delas afirmaram que conhecem alguém que já sofreu algum tipo de violência. Das mulheres que sofreram

violência, somente 33% realizaram uma denúncia, o restante não fez nenhuma denúncia ou procurou ajuda de amigos, família ou na igreja. Isso mostra que o número de mulheres que não denunciam o agressor é grande. Segundo a mesma pesquisa, as mulheres disseram que não denunciaram as agressões por motivos como: ter medo do agressor, depender financeiramente dele ou ter vergonha da agressão.

A lei n.º 11.340/2006, mais conhecida como a lei Maria da Penha, visa proteger a mulher de violência doméstica e familiar. É importante saber que a violência não é somente agressão física e, de acordo com a lei, no Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V existem 5 tipos de violência contra a mulher:

I – a **violência física**, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a **violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a **violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – a **violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V – a **violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Existem também leis que visam amparar a mulher em casos de violência, como a lei nº 12.845/2013, a Lei do Minuto Seguinte, que fala sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Os artigos 1º, 2º e 3º falam:

**Art. 1o** Os hospitais devem oferecer às vítimas de violência sexual atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando ao controle e ao tratamento dos agravos físicos e psíquicos decorrentes de violência sexual, e encaminhamento, se for o caso, aos serviços de assistência social.

**Art. 2o** Considera-se violência sexual, para os efeitos desta Lei, qualquer forma de atividade sexual não consentida.

**Art. 3o** O atendimento imediato, obrigatório em todos os hospitais integrantes da rede do SUS, compreende os seguintes serviços:

**I** - diagnóstico e tratamento das lesões físicas no aparelho genital e nas demais áreas afetadas;

**II** - amparo médico, psicológico e social imediatos;

**III** - facilitação do registro da ocorrência e encaminhamento ao órgão de medicina legal e às delegacias especializadas com informações que possam ser úteis à identificação do agressor e à comprovação da violência sexual;

**IV** - profilaxia da gravidez;

**V** - profilaxia das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST;

**VI** - coleta de material para realização do exame de HIV para posterior acompanhamento e terapia;

**VII** - fornecimento de informações às vítimas sobre os direitos legais e sobre todos os serviços sanitários disponíveis.

Assim, o conhecimento sobre a luta e as leis contra a violência foi importante no projeto do Vamo girl!, pois ele tem o intuito de fazer com que as mulheres se sintam seguras, com apoio e acesso a informações para que consigam passar por essas situações.

### **3.2 Cibercultura e ciberativismo**

As tecnologias comunicacionais foram cruciais para a globalização, e suas consequências para a comunicação e a cultura são notáveis, como Santaella (2003, p.70) afirma. A mídia sempre conseguiu difundir diferentes ideias, e, com a ajuda da

tecnologia, isso se intensificou. Segundo Santaella (2003, p.59), a tecnologia e a cultura midiática são inseparáveis: “Inseparável do crescimento acelerado das tecnologias comunicacionais, a cultura midiática é responsável pela ampliação dos mercados culturais e pela expansão e criação de novo hábitos no consumo de cultura”.

Com a tecnologia e os computadores, surgiu o ciberespaço, como conceitua Levy:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999, p. 15-16)

Não distante do termo ciberespaço, têm-se também a cibercultura, na qual Levy afirma que é: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” (LEVY, 1999, p.16). A cibercultura não somente afeta a rede, mas também as pessoas que nela estão conectadas, pois como já foi falado, são os seres humanos que alimentam esse universo. Santaella também afirma que “a cibercultura não se dinamiza apenas quando usuários ligam o computador. O ciberespaço e a cultura que ele gera não se limitam ao *desktop*” (SANTAELLA, 2003, p.104). Ou seja, o que é visto no ciberespaço poderá ser transformado em informação fora da rede e dependendo do contexto, poderá ser uma maneira de ajudar a sociedade.

O ciberespaço também é usado como palco para lutas sociais, o que é chamado de ativismo digital ou ciberativismo. A internet está sendo escolhida como meio de propagação de causas sociais, por facilitar o processo e poder unir pessoas de diversas localidades e falar sobre diversos assuntos, como Rigitano (2003, p.2) afirma.

Sandor Vegh (2003) apresenta três categorias de ativismo online. A primeira delas fala sobre conscientização e apoio, sobre a qual o autor afirma que a internet pode ser usada como fonte de informações que podem ser divulgadas por pessoas ou organizações (p.72-73). Ele afirma também que, com a divulgação de informação, pessoas de vários locais podem apoiar causas e se mobilizar, participando de protestos online e também offline (p.73), concordando com o que Santaella também já reconheceu.

A segunda categoria fala sobre formas de mobilizar com a ajuda da internet. A primeira forma de mobilização pode ser utilizada para marcar ações fora da

rede, com envio de e-mail e, também, sites com informações de data, horário e local de alguma mobilização (p.74). A segunda forma de mobilização consiste em fazer algo online que poderia ser feito fora da rede (p.74), como convidar pessoas a participarem de eventos. Algo que, se feito offline, demandaria mais tempo e provavelmente alcançaria menos pessoas. A terceira forma consiste em realizar ações que só podem ser feitas online, como organizar uma campanha para o envio de *spams* para um determinado servidor com o intuito de sobrecarregá-lo. Essa última forma de mobilização, segundo o autor, também pode se encaixar na terceira categoria de ativismo online.

A terceira categoria fala sobre o hacktivismo ou também conhecido como ativismo hacker, que abrange vários tipos de ações, como invasão ou congestionamento de sites (como também ocorre na terceira forma de mobilização, na segunda categoria), indo até o ciberterrorismo (p.75).

É preciso ter cuidado ao entrar na rede, pois na internet não se encontram somente coisas benéficas. Ao se pensar em ativismo digital, é preciso escolher bem a forma como será feito, para que não tenha um efeito negativo. Pensando nisso, o Vamo girl! se apoia na primeira categoria de ativismo online, já que ele é uma forma de conscientização e apoio às mulheres que foram vítimas de violência.

### 3.3 Design Participativo

O design participativo consiste em trazer o usuário para participar do processo de desenvolvimento do projeto. Como Iivari (2004, *apud* SILVA, 2012) define:

O design participativo é uma abordagem que procura trazer as pessoas servidas pelo design para o centro do processo criativo. A diferença essencial em relação a abordagens como o design centrado no usuário é que, enquanto nessas, o trabalho é feito para os usuários, no design participativo ele é feito com os usuários.

Para que esses usuários possam participar desse processo de desenvolvimento, os autores Ives e Olso (1984 *apud* CANDIDO, 2019) apresentam seis categorias de graus de envolvimento dos usuários, sendo elas:

1. Nenhum envolvimento: usuários não são convidados a participar ou não estão dispostos.
2. Envolvimento simbólico: a participação do usuário é solicitada mas é ignorada.

3. Envolvimento pela consulta: o usuário é consultado por meio de entrevistas ou questionários.
4. Envolvimento por fraco controle: os usuários têm pouca responsabilidade em cada fase do processo de desenvolvimento do sistema.
5. Envolvimento pela atividade: os usuários são vistos como membros da equipe de projeto e possuem ligação com o grupo de desenvolvimento do sistema.
6. Envolvimento pelo forte controle: os usuários exercem controle do projeto.

Para este projeto, as usuárias atuarão em dois graus de envolvimento, o primeiro é o envolvimento pela consulta para que se consiga a opinião antes do processo de desenvolvimento, e também na fase de avaliação após o desenvolvimento. O segundo grau que as usuárias irão atuar é o de envolvimento pela atividade, pois como Silva (2012) comenta, o design participativo não é só ter a participação dos usuários. Ele garante poder aos envolvidos, para que se sintam parte do projeto desenvolvido.

No processo de desenvolvimento com os usuários, é importante que eles saibam do que o projeto se trata e como poderão ajudar. Como Muller (2002, *apud* CAMARGO e FAZANI, 2014) afirma: “não podemos simplesmente adicionar usuários para uma reunião de projeto de software sem que sejam feitas adaptações na comunicação entre esses usuários e os desenvolvedores”. Por isso, em nosso caso, foi preciso que houvesse uma explicação sobre assuntos que diziam respeito ao site do Vamo girl!. Foram feitos alguns vídeos para as participantes se habituares com a ideia do site, e esse processo é explicado na metodologia.

Neris (2010, *apud* CAMARGO e FAZANI, 2014) afirma que as práticas participativas, “são destinadas para serem aplicadas durante o ciclo de vida do software”, ou seja, a participação dos usuários é essencial em todas as fases de desenvolvimento. Na metodologia proposta por Spinuzzi (2005 *apud* SILVA, 2012), ele fala sobre três estágios de participação:

1. Exploração. O primeiro estágio fala sobre se aproximar e se familiarizar com o usuário. E pode-se utilizar como pesquisa, uma entrevista ou métodos de observação;

2. Descoberta. Nesse estágio é quando os usuários se reúnem com os designers para falarem sobre assuntos importantes no projeto e fazer tomadas de decisões para que escolham juntos qual é o resultado esperado. Pode ser feito por meio de *storyboard*, jogos organizacionais e modelos de processo;
3. Prototipação. É quando os usuários e designer começam a prototipar possíveis soluções em baixa fidelidade. Geralmente feito com prototipação em papel, mas podendo usar artefatos tecnológicos também.

Assim, nos procedimentos metodológicos, foram utilizados esses três estágios descritos acima, que serão explicados na próxima seção juntamente com os próximos passos da metodologia.

Silva (2012) também afirma que no Design Participativo “os usuários são os donos e maiores conhecedores da situação que o projeto pretende atender”. Pensando nisso, no projeto aqui desenvolvido, as mulheres foram de fundamental importância no processo de criação, pois são elas que sabem o que é passar por situações de violência contra a mulher e assim trouxeram muitas informações que puderam ser usadas na solução.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção, será apresentada a metodologia que foi utilizada para desenvolver este projeto.

### **4.1 Pesquisa de campo**

Na primeira fase da metodologia, foram feitas pesquisas com possíveis usuárias, com o objetivo de conhecer o contexto relacionado à violência contra a mulher. Essas pesquisas foram feitas por meio de um formulário eletrônico (Apêndice A), visto que esse é um assunto delicado e desta maneira os participantes tiveram a garantia de anonimato. Esse formulário foi disseminado tanto para mulheres como para homens, pois esses homens também podem conhecer mulheres que já passaram por situações assim. Ao final do formulário, explicou-se sobre futuras fases da pesquisa, e foi pedido e-mail e telefone das mulheres que se interessassem em participar. Porém, foi ressaltado que a identidade delas continuaria em sigilo e não

seria divulgado em nenhum momento o nome juntamente com as informações que foram por elas oferecidas.

Foi feita também entrevista com uma assistente social, com o objetivo de entender o que essas mulheres passam, se elas procuram ajuda especializada, que motivos a levam a não denunciarem, e o que se pode fazer para que se sintam seguras e tenham o apoio necessário para conseguir o que necessitam em momentos de violência.

#### **4.2 Especificação de requisitos**

Nesta fase, com a utilização do Design Participativo, houve uma sessão de *brainstorming* com as possíveis usuárias do sistema, com o intuito de perceber as necessidades e os desejos delas. Pois como Barbosa e Silva (2010, p. 155) explicam, “Os resultados dessa atividade podem alimentar diretamente a especificação funcional e documentação de design.” Assim, o objetivo desta fase foi descobrir os requisitos do site.

Porém, esse *brainstorming* foi feito de forma online e assíncrona, visto que no momento de desenvolvimento deste projeto estávamos passando por uma pandemia e nem todas as participantes tinham os horários compatíveis. Participaram 4 mulheres que no formulário mostraram interesse em participar de outras fases da pesquisa. Foi feito um vídeo explicando sobre o projeto, o que é um *brainstorming*, como fazer, sobre o que deveriam escrever e após foi apresentado a plataforma que seria utilizada para o *brainstorming*. As mulheres tiveram alguns dias para que pudessem ver o vídeo e escrever suas ideias. Após a finalização do *brainstorming*, foi feita uma atividade de prototipação com as mesmas mulheres. Foi feito outro vídeo explicando sobre prototipação e o que elas precisavam fazer e após alguns dias elas enviaram os desenhos dos protótipos de baixa fidelidade que foram produzidos.

#### **4.3 Desenvolvimento do protótipo**

Durante a fase de desenvolvimento do protótipo, as usuárias não participaram ativamente, mas ainda estavam presentes nas ideias e requisitos que foram vistos na etapa anterior. Buscando estar de acordo com os protótipos produzidos por elas e nas ideias colocadas no *brainstorming*, foram produzidas as telas do Vamo



Girl! Nessa fase, foi feito um protótipo funcional da solução com o Figma<sup>2</sup> para que pudesse ser avaliado.

#### 4.4 Avaliação do protótipo

Para a avaliação, foi aplicado um teste de usabilidade com as possíveis usuárias, com o objetivo de identificar problemas e possibilidades de melhoria no site. “O teste de usabilidade visa a avaliar a usabilidade de um sistema interativo a partir de experiências de uso dos seus usuários-alvo” (Rubin, 1994; Rubin e Chisnell, 2008 *apud* Barbosa; Silva). Como os autores afirmaram, a avaliação foi a partir da experiência de uso das usuárias, então foram definidas as tarefas realizadas durante o teste e enquanto o teste estava sendo aplicado foi observada e registrada a performance da usuária. O teste foi feito de forma presencial, com a participação de 5 mulheres.

As tarefas designadas para as participantes foram:

**Atividade 01:** Navegue pela página principal do site para conhecer a proposta do projeto.

**Atividade 02:** Abra a página de notícias e leia a primeira notícia.

**Atividade 03:** Localize no mapa locais importantes no estado do Ceará que atendem mulheres em situação de violência.

**Atividade 04:** No site, há várias dicas de como agir em casos de violência. Leia sobre as técnicas de defesa pessoal.

**Atividade 05:** Suponhamos que você foi vítima de violência e quer se informar sobre como proceder ou quer pedir ajuda a uma profissional da nossa rede de apoio. Procure a página do site onde isso é possível e navegue por ela olhando as informações.

Nessa fase, foram diferentes mulheres que participaram, e não as mesmas da fase de *brainstorming* e prototipação. Era preciso um ponto de vista diferente para que a solução conseguisse ser avaliada, e não de pessoas que já conhecem o que o site propõe.

Foi realizado também um questionário utilizando o formulário do Google após a finalização do teste para que se pudesse entender a opinião da participante sobre a experiência de utilizar o site. O questionário utilizado foi o SUS (System

Usability Scale), que é um instrumento indicado para averiguar o nível de usabilidade de um sistema, considerando a eficácia, a eficiência e a satisfação do usuário (BROOKE, 1986). O SUS é composto de 10 afirmativas que cada participante responde em uma escala Likert de 5 pontos, indicando se discorda totalmente ou concorda totalmente. As afirmativas estão a seguir:

1. Eu acho que gostaria de usar esse sistema com frequência.
2. Eu acho o sistema desnecessariamente complexo.
3. Eu achei o sistema fácil de usar.
4. Eu acho que precisaria de ajuda de uma pessoa com conhecimentos técnicos para usar o sistema.
5. Eu acho que as várias funções do sistema estão muito bem integradas.
6. Eu acho que o sistema apresenta muita inconsistência.
7. Eu imagino que as pessoas aprenderão como usar esse sistema rapidamente.
8. Eu achei o sistema atrapalhado de usar.
9. Eu me senti confiante ao usar o sistema.
10. Eu precisei aprender várias coisas novas antes de conseguir usar o sistema.

Após todos os participantes responderem o questionário, é feito um cálculo para que se possa chegar na pontuação final, assim verificando se o sistema possui uma boa usabilidade. Como as respostas são na escala Likert onde a pontuação vai de 1 a 5, é possível fazer alguns cálculos para que se possa finalizar a pontuação. Nas afirmativas de números ímpares, que são as mais positivas, é preciso subtrair 1 da pontuação que o usuário respondeu. E nas afirmativas de números pares, que são as mais negativas, é preciso subtrair a pontuação escolhida pelo usuário de 5. Após isso, multiplica-se o valor por 2,5 e é obtida a pontuação final. Assim, o número obtido será um índice de satisfação de quem utilizou o sistema (BROOKE, 1986).

## **5 RESULTADOS**

### **5.1 Pesquisa de campo**

Na pesquisa feita com o formulário, foram obtidas 65 respostas. Quando perguntado se conheciam alguma mulher que sofre ou já sofreu algum tipo de violência feita por um homem, somente 1,5% respondeu que não conhecia nenhuma

mulher, sendo que a maioria, 56,9% afirmou conhecer 3 ou mais mulheres. Assim, podemos ver que é algo bastante recorrente. Essas mulheres que eles conheciam são de todas as idades, sendo desde menor de 18 anos até mais de 60, assim podemos ver que não é só em uma faixa etária que isso ocorre.

Das pessoas que participaram, 61,5% foram mulheres, 35,4% são homens, 1,5% não binário e 1,5% preferiu não responder. Foi feito somente para as mulheres uma série de perguntas. A primeira delas era se ela mesma já tinha sofrido algum tipo de violência provocada por um homem e 72,5% afirmaram que sim, já tinham sofrido. A maioria relatou que sofreu violência psicológica (72,4%), porém muitas sofreram mais de um tipo de violência, assim deixando violência moral em segundo lugar (55,2%) e logo após, a violência sexual (44,8%). Foi relatado também que a maior parte dessas mulheres precisaram buscar algum tipo de assistência de saúde, mas não procuraram (58,6%) e 58,6% relataram que não conseguiram tomar nenhuma atitude com relação à agressão por vários motivos, como ter vergonha da agressão, acreditar que seria a última a vez ou depender financeiramente do agressor. Com isso, podemos perceber a grande quantidade de mulheres que já sofreram violência e ver como esses casos ainda são recorrentes, estando assim de acordo com alguns levantamentos indicados na introdução.

## **5.2 Entrevista**

Foi feita uma entrevista com uma assistente social do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do município de Senador Pompeu no Ceará. Durante a entrevista (Apêndice B), a entrevistada afirma que lida sim com mulheres que passam por violência, e essas mulheres chegam a ela por meio de denúncias ou encaminhamento de outros órgãos.

Foi dito que essas mulheres podem solicitar algum tipo de apoio como psicólogos que existem dentro do CREAS ou advogados, e todos os serviços são gratuitos. A entrevistada também afirmou que não existem muitas mulheres que procuram por assistência nos órgãos como o CREAS ou delegacias, e nem os familiares da vítima denunciam a agressão sofrida. Quando perguntada o motivo disso não acontecer, foi dito que no caso das mulheres é o medo, e dos familiares a assistente social relatou que “é que nem aquele ditado, briga de marido e mulher, não querem meter a colher”.

Ela afirma ainda que é importante os familiares e amigos darem apoio às vítimas, pois muitas vezes elas não recebem suporte dos mais próximos.

Com isso, vimos que é importante dar apoio a essas mulheres para que se sintam seguras e consigam se sentir amparadas.

### **5.3 Design Participativo**

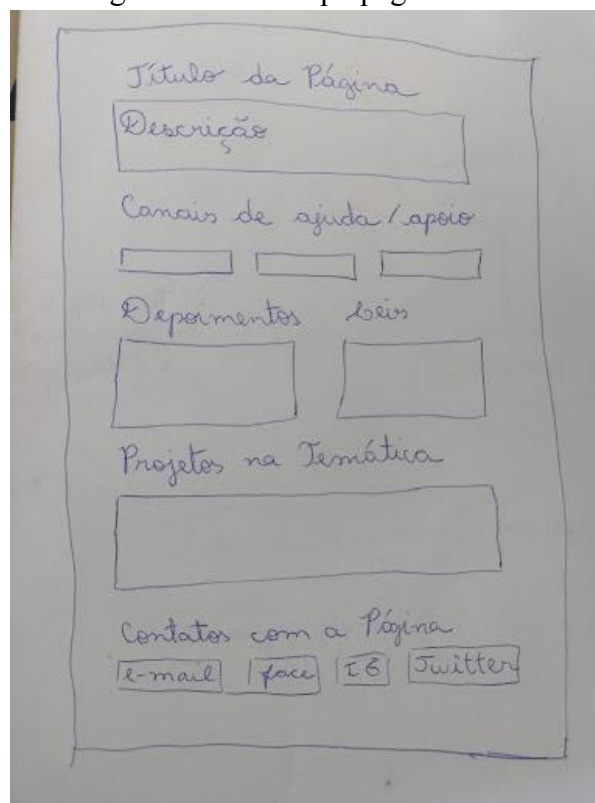
Como explicado anteriormente, foi usado o design participativo para que houvesse a inclusão das mulheres no processo de desenvolvimento. Para que isso acontecesse, foi feito um processo que se dividiu em duas etapas. Esse processo foi feito de forma online, visto que estamos passando por uma pandemia. Todo o procedimento precisou ser feito de forma assíncrona pois as participantes não tinham os horários compatíveis.

Na primeira etapa, foi feito um *brainstorming* com 4 mulheres utilizando a plataforma Mural. Todas as participantes são da faixa etária de 19 a 29 anos e conhecem ou já passaram por situações de violência. As participantes colocaram suas opiniões (Apêndice C) que gerou uma lista de requisitos (Apêndice D) que o site deveria conter. As ideias das participantes foram de extrema importância para que fossem feitos os requisitos do site e informações que devem ser colocadas.

A segunda etapa também realizada pelas mesmas participantes, foi onde foram feitos protótipos de baixa fidelidade de algumas páginas da solução. Como na primeira etapa, foi feito também um vídeo explicando sobre prototipação e como fazer. Após a explicação foi pedido para cada uma prototipar uma página específica que foi designada e dar uma breve explicação. Os protótipos ficaram fáceis de entender, coerentes com o objetivo da solução e também de grande importância para a elaboração do design das telas.

O protótipo da página inicial (Figura 01), feito por uma das participantes, foi de grande importância, pois ele foi a base para a página inicial do site.

Figura 01 - Protótipo página inicial

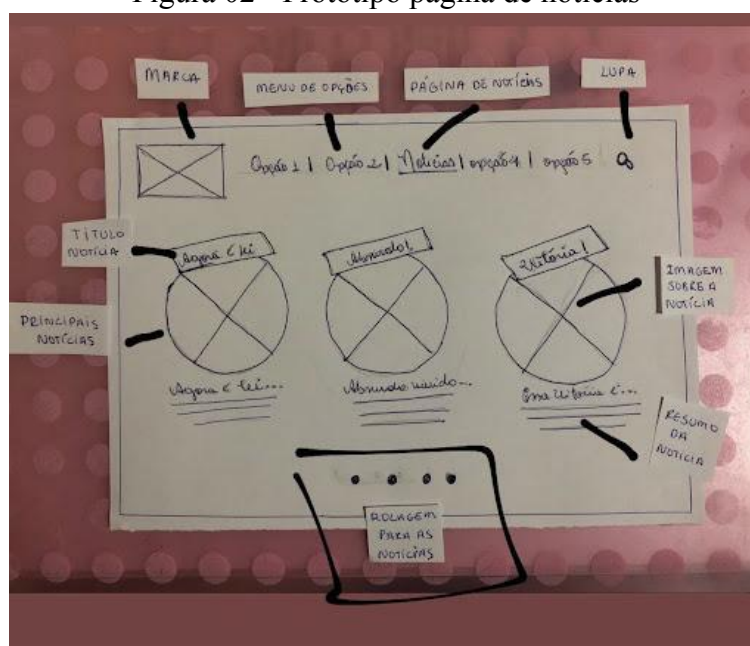


Fonte: Autoria própria

Com esse protótipo, foi possível imaginar a página inicial do site sendo uma única página com as informações mais importantes.

O protótipo feito pela segunda participante (Figura 02) foi da página de notícias.

Figura 02 - Protótipo página de notícias

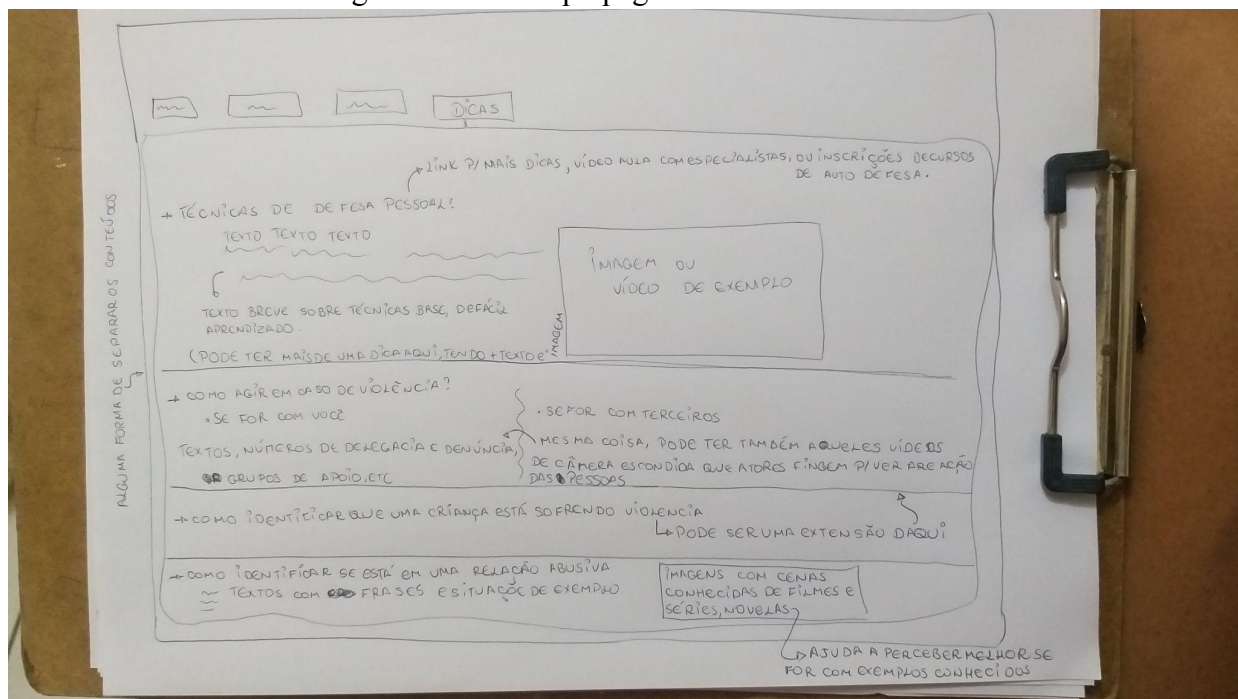


Fonte: Autoria própria

Ele também foi muito importante para basear como as notícias mais recentes seriam mostradas na página inicial.

O terceiro protótipo (Figura 03) foi da página de dicas com o intuito de auxiliar as mulheres em casos de violência.

Figura 03 - Protótipo página de dicas

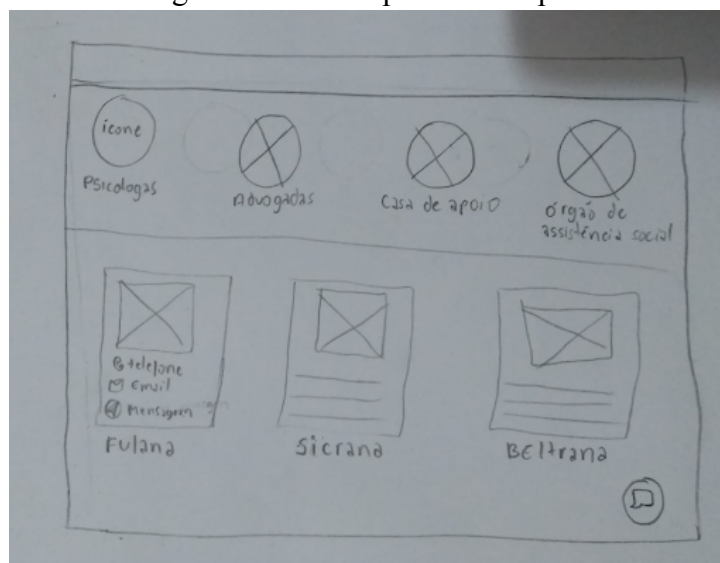


Fonte: Autoria própria

Nela a participante decidiu colocar uma lista de dicas clicáveis que quando a usuária clica sobre a dica, aparece um texto e um vídeo explicando sobre o assunto.

O último protótipo (Figura 04) é da rede de apoio.

Figura 04 - Protótipo rede de apoio



Fonte: Autoria própria

A participante decidiu também fazer o ícone do botão de atendimento no canto inferior da página, e foi a base para a criação dele no site.

#### 5.4 Protótipo do Vamo Girl!

Para que a solução pudesse ser desenvolvida, antes foi preciso pensar na identidade visual do site. Primeiramente, foi escolhido o nome do site. O nome dado foi “Vamo Girl!”, para que pudesse dar a ideia de ajuda e acolhimento à mulher. Na Figura 05, encontra-se o logotipo feito para a solução e as cores utilizadas.

Figura 05 - Logotipo e paleta de cores



Fonte: Autoria própria

Foi utilizada uma mão com o punho cerrado para mostrar força, resistência e apoio a outras mulheres. Foram utilizados tons de lilás para que se pudesse criar um ambiente mais acolhedor para as mulheres que irão utilizar o site.

Na página inicial (Figura 06), foi colocado um pouco de tudo o que o site oferece. Primeiramente sobre o projeto, após isso existem algumas notícias referentes a assuntos feministas e violência contra a mulher. Importante frisar que o design das notícias na página inicial foi feito baseado na ideia proposta por uma participante da sessão de design participativo. Após isso, tem algumas informações sobre a rede de apoio e o rodapé do site que também foi baseado na ideia de outra participante.

Figura 06 - Página de home



Fonte: Autoria própria

No rodapé de todas as páginas, tem um ícone de ajuda (Figura 07) que leva para o pedido de atendimento, onde será possível conversar com uma das profissionais disponíveis para o auxílio das mulheres.

Figura 07 - Ícone de ajuda



Fonte: Autoria própria

O ícone também foi idealizado pelas participantes da sessão de design participativo.



Na página do pedido de atendimento (Figura 08), é solicitado o nome e email da mulher para que se possa entrar em contato com ela e são mostradas as opções de profissionais disponíveis no site para atendê-las.

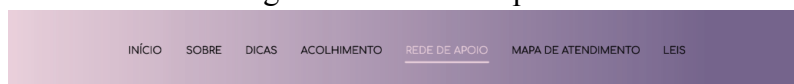
Figura 08 - Pedido de atendimento

Fonte: Autoria própria

Assim, em até 24 horas a profissional irá entrar em contato com a vítima para ajudá-la. Tem também a opção de ir para o chat do Ministério dos Direitos Humanos para fazer uma denúncia.

Na página da rede de apoio (Figura 09), é possível ver várias organizações que existem nas cidades que auxiliam as mulheres vítimas de violência. Há também as informações da rede de acolhimento do próprio site, onde as mulheres podem pedir ajuda e as profissionais podem oferecer seus serviços.

## Figura 09 - Rede de apoio



### Saiba como e onde buscar ajuda

Graças à leis como a Maria da Penha (Lei 11.340/2006), todas as mulheres do Brasil têm o direito de acessar uma rede de serviços públicos de atendimento e enfrentamento à violência contra as mulheres que são compostas pelas instituições da Segurança Pública, Justiça, Saúde, Assistência Social, Educação, dentre outros. Infelizmente, nem todas sabem que eles existem ou como funcionam. Abaixo você encontra os principais serviços que compõem cada uma dessas redes:



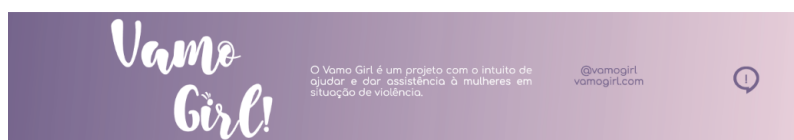
### Rede de acolhimento

Como funciona?

**Preciso de ajuda!**  
Passar por uma situação de violência e não conseguir arcar financeiramente com o atendimento psicológico e/ou jurídico necessário.  
Solicitar acolhimento

**Quero ajudar!**  
É advogada ou psicóloga e quer se voluntarizar para ajudar outras mulheres? É só preencher o formulário de inscrição, aceitar nossas diretrizes e receber o termo de voluntariado.  
Me inscrever

NENHUMA MULHER DEVE SOFRER SOZINHA



Fonte: Autoria própria

Quando a mulher procura por ajuda na nossa rede de acolhimento, ela é redirecionada para a página do pedido de atendimento (Figura 08), para que possa falar com a profissional que deseja. Se alguma profissional deseja fazer parte da rede de acolhimento voluntariamente, ela pode se inscrever e assim passar por um processo para que consiga se afiliar.

Outra ideia que também foi baseada na seção de design participativo é uma sessão de acolhimento (Figura 10) onde as usuárias poderão postar dúvidas, depoimentos, e temas em geral relacionados à mulher.

Figura 10 - Página de acolhimento



Fonte: Autoria própria

Nela, as usuárias irão conseguir interagir nas postagens de outras pessoas, para que haja um acolhimento não só por parte do site, mas também entre as usuárias.

Há também o mapa de atendimento (Figura 11) que mostra as informações de onde existem órgãos de apoio e delegacias para que a mulher saiba onde pedir ajuda.

Figura 11 - Mapa de atendimento

Mapa de atendimento

Estado

ANEXIO de Juazeiro - (85) 3358-2974 / 3358-2975  
Coordenadoria Estadual de Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar  
(85) 3207-4952/3207-4942 E-mail: comulher@ca.gov.br  
Instituto Maria de Penha - (85) 4102-5429 E-mail: atendimento@institutoinstitutoinstituto.org.br

Caucaia  
Delegacia de Atendimento à Mulher  
(85) 3357-7924 / 3357-7923 E-mail: delegaciaodamulherdecaucaia@gmail.com

Juazeiro do Norte  
Delegacia de Atendimento à Mulher  
(85) 3321-1022 E-mail: citorahogurg@99@hotmail.com

Moracoranã  
Delegacia de Atendimento à Mulher  
(85) 3371-7633 / (85)3371-7634 E-mail: moriquemendoc@policialm.cq.gov.br

Sobral  
(85) 3675-4382 E-mail: penhepemelvito@gmail.com

Crato  
Delegacia de Atendimento à Mulher - (85) 3322-1556/ E-mail: dclcrato@gmail.com

Pacotuba  
Delegacia de Atendimento à Mulher - (85) 3384-5820 / 3384-4200

Iguatu  
Delegacia de Atendimento à Mulher - (85) 3381-9542 E-mail: eduarda\_lou@hotmail.com

Ronda Maria do Reno - Centro de Referência de Atendimento à Mulher - Casa da Mulher Brasileira  
(85) 3338-9944 / 3338-9945 / 3338-9946 / 3338-9947  
E-mail: ronda.maria.do.reno@ca.gov.br / comulherbrasil@ca.gov.br  
Administração - (85) 3338-9944 E-mail: ronda.maria.do.reno@ca.gov.br / comulherbrasil@ca.gov.br  
Administração - (85) 3338-9944 E-mail: ronda.maria.do.reno@ca.gov.br / comulherbrasil@ca.gov.br

Mauriti  
Centro de Referência de Atendimento à Mulher  
(85) 3333-9191

Rioipococa  
Centro de Referência de Atendimento à Mulher  
(85) 3333-4228

Tianguá  
Centro de Referência de Atendimento à Mulher  
(85) 3333-1522

Limoeiro do Norte  
Centro de Referência de Atendimento à Mulher  
(85) 3423-3256

Tauá  
Centro Maria Gomes Neide Jastal  
E-mail: cmgtaua@hotmail.com

CEARA

Fortaleza  
Delegacia de Atendimento à Mulher - Delegacia de Defesa da Mulher  
Famulher - (85) 3333-2452 / (85) 3333-2592  
E-mail: famulher@gmail.com / dclm@ca.gov.br / dclm@ca.gov.br

Ronda Maria do Reno - Centro de Referência de Atendimento à Mulher - Casa da Mulher Brasileira  
(85) 3338-9944 / 3338-9945 / 3338-9946 / 3338-9947  
E-mail: ronda.maria.do.reno@ca.gov.br / comulherbrasil@ca.gov.br  
Administração - (85) 3338-9944 E-mail: ronda.maria.do.reno@ca.gov.br / comulherbrasil@ca.gov.br

Defensoria Pública do Estado - (85) 3333-3470 / 3333-3434/3333-3434  
E-mail: gdp@defensapublica.ce.gov.br

Ministério Público do Estado  
Núcleo Estadual de Género Pó a Mulher - (85) 3338-2940 / 3338-2941  
E-mail: nuclm@mpmpe.ce.gov.br

Verso de Violência Doméstica e Familiar  
Instituto de Justiça de Controle a Violência Doméstica e Familiar - Centro de Mulher  
(85) 3338-2940 / 3338-2941 E-mail: inidca@institutoinstitutoinstituto.org.br

Juazeiro de Violência Doméstica e Familiar Centro a Mulher - (85) 3433-8765  
E-mail: juazeiro.mulherforataca@ca.gov.br

Vamo Girl!

O Vamo Girl é um projeto com o intuito de apoiar e dar assistência às mulheres em situação de violência.

@vamogirl  
vamogirl.com

Fonte: Autoria própria

Essa ideia também foi discutida na sessão de design participativo feita anteriormente. Após a finalização das telas, foi feito um teste de usabilidade que será discutido na próxima sessão.

## 5.5 Teste de usabilidade

Após o término das telas, foi feito um roteiro (Apêndice E) para que o teste de usabilidade pudesse ser feito com possíveis usuárias. As mulheres que participaram seguiram o roteiro (Apêndice E) e conseguiram realizar todas as atividades propostas. Foi notado que duas participantes confundiram a página de “Acolhimento” e “Rede de apoio”, percebendo-se assim que é possível que seja preciso uma mudança nos termos utilizados.

Uma das participantes declarou que não tinha o costume de utilizar computadores e notebooks e em seu teste percebeu-se que precisou de um pouco mais de tempo para realizar as atividades, mas conseguiu finalizá-las.

Foi cronometrado o tempo total de realização do teste de todas as participantes. Na tabela 1 é apresentado o tempo de cada uma.

Tabela 01 - Tempo de realização do teste

Participantes	Tempo em minutos
Participante 1	06:23
Participante 2	08:08
Participante 3	10:07
Participante 4	14:15
Participante 5	10:04

Fonte: Autoria própria

Então, as participantes levaram em média 9 minutos e 8 segundos para realizar todas as tarefas do roteiro.

Nas tabelas 2, 3, 4, 5 e 6 mostram a taxa de sucesso das tarefas de cada participante.

Tabela 02 - Tarefa 1

Participante 1	Concluiu sem erros
Participante 2	Concluiu sem erros
Participante 3	Concluiu sem erros
Participante 4	Concluiu sem erros
Participante 5	Concluiu sem erros

Fonte: Autoria própria

Tabela 03 - Tarefa 2

Participante 1	Concluiu sem erros
Participante 2	Concluiu sem erros
Participante 3	Concluiu sem erros
Participante 4	Concluiu com um erro
Participante 5	Concluiu sem erros

Fonte: Autoria própria

Tabela 04 - Tarefa 3

Participante 1	Concluiu sem erros
Participante 2	Concluiu sem erros
Participante 3	Concluiu com um erro
Participante 4	Concluiu com um erro
Participante 5	Concluiu sem erros

Fonte: Autoria própria

Tabela 05 - Tarefa 4

Participante 1	Concluiu sem erros
Participante 2	Concluiu sem erros
Participante 3	Concluiu com um erro
Participante 4	Concluiu com um erro
Participante 5	Concluiu sem erros

Fonte: Autoria própria

Tabela 06 - Tarefa 5

Participante 1	Concluiu com um erro
Participante 2	Concluiu com um erro
Participante 3	Concluiu sem erros
Participante 4	Concluiu com um erro
Participante 5	Concluiu sem erros

Fonte: Autoria própria

Na tabela 07 é apresentada a taxa de sucesso das participantes nas tarefas realizadas.

Tabela 07 - Taxa de sucesso

Participante	Taxa de sucesso	Tentativas	Tarefas concluídas
1	83%	6	5
2	83%	6	5
3	71%	7	5
4	55%	9	5
5	100%	5	5

Fonte: Autoria própria

Na tabela 08 é apresentado a quantidade de erros que cada participante cometeu ao decorrer das tarefas.

Tabela 08 - Quantidade de erros

Participante 1	1 erro
Participante 2	1 erro
Participante 3	2 erros
Participante 4	4 erros
Participante 5	Nenhum erro

Fonte: Autoria própria

No formulário pós-teste, como falado anteriormente, foi utilizado o SUS (System Usability Scale), e depois de colher os resultados é preciso realizar um cálculo para que se possa chegar na pontuação final.

A média obtida do Vamo Girl é de 88.5, mostrando assim que o site tem uma boa usabilidade. Uma participante também colocou sua opinião na pergunta final, declarando que o site está fácil de usar, dizendo: “ele é bem simples e prático”, reafirmando o que o System Usability Scale nos ajudou a comprovar.

## 6 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou mostrar o quão recorrente ainda é a violência contra a mulher e propor uma solução que vise o apoio a essas mulheres a partir da metodologia do design participativo. Buscou-se permitir a participação de forma ativa de mulheres vítimas ou não de violência no processo de construção da solução, para

que pudesse ser algo pensado por elas e para elas, assim gerando uma maior aceitabilidade da solução.

Um ponto importante a ser relatado é a questão de se fazer um projeto de design participativo, no qual envolve diversas pessoas, em um momento de pandemia. Foi algo desafiador, mas que se pode inovar e utilizar a tecnologia ainda mais a nosso favor. Mesmo as sessões de design participativo sendo pelo meio digital, foi possível tirar grande proveito das pesquisas. Acredito que algumas mulheres que participaram se sentiram mais seguras em participar por meio da internet, na qual ninguém mais iria conhecê-la, do que participando pessoalmente. Porém, é importante ressaltar que o teste de usabilidade foi feito presencialmente, assim sendo possível sanar mais facilmente as dúvidas das participantes, e fazer uma melhor observação das atividades que estavam sendo realizadas.

De modo geral, foi possível perceber que a metodologia do design participativo contribuiu bastante para a maior aceitação no teste de usabilidade com as possíveis usuárias da solução. É importante ressaltar também que na fase do teste de usabilidade foram diferentes mulheres que participaram para que se pudesse ter uma reação genuína à solução.

Como caminhos futuros fica a implementação da solução, visto que foi feito somente o protótipo utilizando o Figma. Como também, a possibilidade de acessibilidade a pessoas com deficiência visual, como foi mencionado no *brainstorming* realizado na sessão de design participativo. No teste de usabilidade, uma participante também colocou uma sugestão de “algo on-line, poderia ser até algo como um WhatsApp”, onde também no *brainstorming* foi mencionado por outra participante. Sendo assim, a solução tem um grande potencial como uma rede de apoio e havendo assim, mais interação entre as usuárias. Há também um ponto muito importante que é o anonimato das mulheres que procuram pelo atendimento no Vamo Girl!, onde foi percebido que pedir o nome e email não seria totalmente adequado. Assim, fica a ideia de na implementação ter a possibilidade de gerar um código para cada atendimento, e quando cada mulher procurar pela sua profissional, somente com o código gerado ela poderá concluir seu atendimento.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Ligue 180 registra aumento de 36% em casos de violência contra mulher.** [S.l], 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/ligue-180-registra-aumento-de-36-em-casos-de-violencia-contra-mulher> Acesso em: 22 ago. 2020.

BALANÇO. **Ligue 180: violência doméstica e familiar é a mais recorrente.** Governo Federal. [S.l], 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/junho/balanco-ligue-180-violencia-domestica-e-familiar-e-a-mais-recorrente> Acesso em: 22 ago. 2020.

BANDEIRA, L.; MELO, H.P. **Tempos e memórias: Movimento Feminista no Brasil.** Brasília: Editora Ltda, 2010.

BARBOSA, S.D.J.; SILVA, B. S. **Interação Humano Computador**, 1ª ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2010.

BONFIM, C.J.L. et.al. Design Participativo: Uma Experiência de Criação de Aplicativos com Meninas. **Revista de Sistemas e Computação**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 402-417, jul./dez. 2018.

BROOKE, J. **SUS - A quick and dirty usability scale.** [S.l], 1986. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228593520\\_SUS\\_A\\_quick\\_and\\_dirty\\_usability\\_scale](https://www.researchgate.net/publication/228593520_SUS_A_quick_and_dirty_usability_scale) Acesso em: 16 ago. 2021.

CANDIDO, Ana Karine Bessa. **Design Participativo na construção de uma solução para identificação parental do autismo.** 2020. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design Digital)– Universidade Federal do Ceará, Campus de Quixadá, Quixadá, 2020. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55501/1/2020\\_tcc\\_akbcandido.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55501/1/2020_tcc_akbcandido.pdf). Acesso em: 18 dez. 2020.

CAMARGO, Liriane Soares de Araujo; FAZANI, Alex José. Explorando o Design Participativo como Prática de Desenvolvimento de Sistemas de Informação. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação.** [S.l], v. 5, n. 1, p. 138-150, 2014.

CRUZ, Lindalva Alves. Crítica epistemológica do feminismo. In: **Anais da III Jornada internacional de políticas públicas.** Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATAFOLHA. **Visível e invisível: A vitimização de Mulheres no Brasil.** [S.l], 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf> Acesso em: 26 ago. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19.** [S.l], 2020. Disponível em: <http://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid19-v3.pdf> Acesso em: 26 ago. 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. (título original: Feminism is for everybody: passionate politics)

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher.** Senado Federal. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia> Acesso em: 23 jun. 2020.

LEVY, Pierry. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999. (título original: Cyberculture).

PREECE, J., ROGERS, Y., SHARP, H. **Design de interação:** além da interação homem-computador. Porto Alegre: Bookmam, 2005.

RIGITANO, M.E.C. **Redes e ciberativismo:** notas para uma análise do centro de mídia independente. I Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades. Salvador, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf> Acesso em: 24 de agosto de 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano:** Da cultura da mídia à cibercultura. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTI LN, NAKANO AMS, LETTIERE A. Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.19, n.3, 2010, p. 417-24.

SARDENBERG, C.M.B.; TAVARES, M.S. comps. **Violência de gênero contra mulheres:** suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento. Salvador: EDUFBA, 2016.

SILVA, Nivaldo Aureo Nascimento. **Abordagens participativas para o design.** 2012. 67 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DO FORMULÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO COM POSSÍVEIS USUÁRIAS**

### Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada(o) a participar desta pesquisa que tem o objetivo de conhecer o contexto relacionado à violência contra a mulher.

Você tem a liberdade de se recusar a participar e também parar de responder o formulário em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do e-mail da pesquisadora do projeto.

A sua participação consiste em responder algumas perguntas que levarão cerca de 05 minutos.

Sua colaboração será de forma anônima. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais.

Os dados obtidos aqui terão como finalidade exclusiva colaborar para o sucesso da pesquisa.

Eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que autorizo a realização da pesquisa e a divulgação de forma anônima dos dados obtidos neste estudo.

- Concordo
- Discordo

### -PRÓXIMA SEÇÃO-

Qual sua faixa etária?

- De 18 anos a 29 anos
- De 30 anos a 39 anos
- De 40 anos a 49 anos
- De 50 anos a 59 anos
- 60 ou mais

Você tem celular e/ou notebook/computador?

- Sim, os dois.

- Sim, só celular
- Sim, só computador/notebook
- Não, nenhum.

Você conhece alguma mulher que já sofreu algum tipo de violência provocada por um homem?

Se você for mulher, pense em outras mulheres que não seja você.

- Não conheço nenhuma.
- Sim, conheço 1 mulher.
- Sim, conheço 2 mulheres.
- Sim, conheço 3 ou mais mulheres.

Se sim, qual foi o tipo de violência sofrida pela pessoa conhecida?

Marque todas as opções que se aplicam.

- Psicológica (Ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, insultos, chantagens, proibir de estudar ou falar com amigos e família e etc.)
- Física (Espancamentos, tortura, sacudir ou apertar os braços, estrangulamento, lesões com objetos cortantes, ferimentos por queimadura ou arma de fogo e etc)
- Sexual (Assédio, estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais, impedir o uso de métodos contraceptivos ou obrigá-la a abortar e etc.)
- Moral (Acusá-la de traição, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, desvalorizá-la pelo modo de se vestir e etc)
- Patrimonial (Controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, causar danos propositalmente a objetos da mulher ou dos quais ela goste, furto, extorsão, estelionato e etc.)

Qual era faixa etária dessa mulher quando ela sofreu a primeira violência?

Se conhecer 2 ou mais mulheres de faixas etárias diferentes, marque todas as opções que se aplicam.

- Até 18 anos
- De 19 anos a 29 anos
- De 30 anos a 39 anos
- De 40 anos a 49 anos
- De 50 anos a 59 anos

- 60 ou mais

Você conhece essa mulher pessoalmente? Qual a sua relação com ela?

Se conhecer 2 ou mais mulheres, marque todas as opções que se aplicam.

- Sim, ela é da minha família.
- Sim, ela é minha amiga.
- Sim, ela é uma conhecida minha.
- Não conheço pessoalmente.
- Prefiro não responder
- Outro: \_\_\_\_\_

Você é:

- Homem
- Mulher
- Prefiro não dizer
- Outro: \_\_\_\_\_

-Se for mulher-

Você já sofreu algum tipo de violência provocada por um homem?

- Sim
- Não

-Se já sofreu algum tipo de violência provocada por um homem-

Qual o tipo de violência que você sofreu?

- Psicológica (Ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, insultos, chantagens, proibir de estudar ou falar com amigos e família e etc.)
- Física (Espancamentos, tortura, sacudir ou apertar os braços, estrangulamento, lesões com objetos cortantes, ferimentos por queimadura ou arma de fogo e etc)
- Sexual (Assédio, estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais, impedir o uso de métodos contraceptivos ou obrigá-la a abortar e etc.)

- Moral (Acusá-la de traição, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, desvalorizá-la pelo modo de se vestir e etc)
- Patrimonial (Controlar o dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, causar danos propositalmente a objetos da mulher ou dos quais ela goste, furto, extorsão, estelionato e etc.)

Qual era a sua idade quando você sofreu com a violência a primeira vez?

- Até 18 anos
- De 19 anos a 29 anos
- De 30 anos a 39 anos
- De 40 anos a 49 anos
- De 50 anos a 59 anos
- 60 anos ou mais

Por causa dessa violência, você precisou buscar algum tipo de assistência de saúde?

Por exemplo: ir ao hospital ou em uma psicóloga.

- Precisei e procurei
- Precisei, mas não procurei
- Precisei, procurei, mas não encontrei
- Não precisei
- Outro: \_\_\_\_\_

Você tomou alguma atitude em relação a agressão que sofreu?

- Ligou para a Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180)
- Ligou para a Polícia Militar no 190
- Fez uma denuncia formal em uma delegacia comum
- Fez uma denuncia formal em uma delegacia da mulher
- Procurou ajuda dos amigos
- Procurou ajuda da família
- Procurou a Igreja
- Não fez nada
- Outro: \_\_\_\_\_

Se não denunciou ou retirou a denúncia, qual foi o motivo?

- Ter medo do agressor
- Preocupar-se com a criação dos filhos
- Dependendo financeiramente do agressor
- Acha que não existe punição
- Ter vergonha da agressão
- Acreditar que seria a última vez
- Não conhecer seus direitos
- Não sei ou prefiro não responder
- Outro: \_\_\_\_\_

Obrigada pela sua participação.

Como parte do escopo dessa pesquisa, estamos planejando outras fases e você iria enriquecer ainda mais o projeto que será desenvolvido.

Esse projeto visa incentivar mulheres que sofreram de violência cometida por algum homem a denunciarem, para que esses agressores sejam punidos.

Você teria interesse em participar de outras fases dessa pesquisa? Se sim, deixe seu e-mail e telefone abaixo.

Vale ressaltar que sua identidade permanecerá em sigilo. Nenhum dado da pesquisa será divulgado com seu nome, e-mail ou telefone.

E-mail:

---

Telefone:

Formato: DDDNumero = 88999123456

---

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM ASSISTENTE SOCIAL

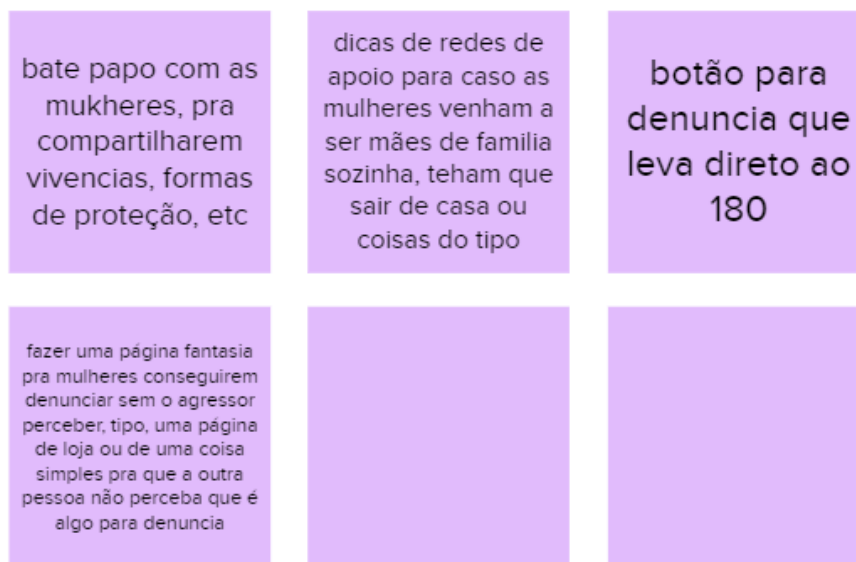
- Qual seu cargo?
  - Assistente social
  
- Qual a sua formação? Quanto tempo trabalha?
  - Serviço social. Trabalha a 1 ano e 2 meses. No CREAS está a 7 meses.
  
- Qual a sua experiência em atendimento a vítimas de violência? Você costuma atender mulheres que foram vítimas de violência?
  - Sim. Atende essas mulheres.
  
- Costumam procurar por vocês, ou vocês vão até elas?
  - É difícil ir até lá, ainda mais com a pandemia. Recebe os casos por denúncias, ou encaminhamentos. Sempre costumam ir até o local onde está a vítima.
  
- Essas mulheres que sofrem violência podem solicitar algum tipo de apoio? Quais os tipos? (Exemplo: apoio psicológico, jurídico)
  - Sim. Podem. Podem ser acompanhadas pelo CREAS e pelo CRAS. Dentro do Creas tem um advogado, pra fazer essas orientações. Dentro do Centro Social Urbano (CSU), tem um corpo jurídico de advogados.
  
- E elas não pagam nada?
  - Não. Atendimento gratuito. Todos os serviços.
  
- Qual a diferença do CREAS e do CRAS?
  - O CREAS trabalha com violação de direitos. E o CRAS é sobre atenção básica. Ele trabalha com as famílias, justamente para não romper esses vínculos familiares. Para proteger esses vínculos. Quando esses vínculos já são rompidos é que são encaminhados para o CREAS.



- Muitas mulheres procuram apoio/assistência?
  - Não tem muitas. Existem casos, mas muitas vezes as vítimas não procuram os órgãos, como a delegacia ou a assistência. E os familiares, ou vizinhos, pessoas próximas também não fazem denúncia.
  
- Tem ideia porque isso não acontece?
  - Muitas vezes, no caso das mulheres, é por medo. E muitas das vezes, os que estão ao redor próximo, não fazem porque é que nem aquele ditado, briga de marido e mulher, não querem meter a colher. Eles acham que não devem se meter.
  
- Como a população ou a família e amigos podem ajudar essas mulheres que passaram por violência?
  - Apoiá-las. Muitos não dão apoio, acham que é ela que está errada. Não dão aquele suporte.

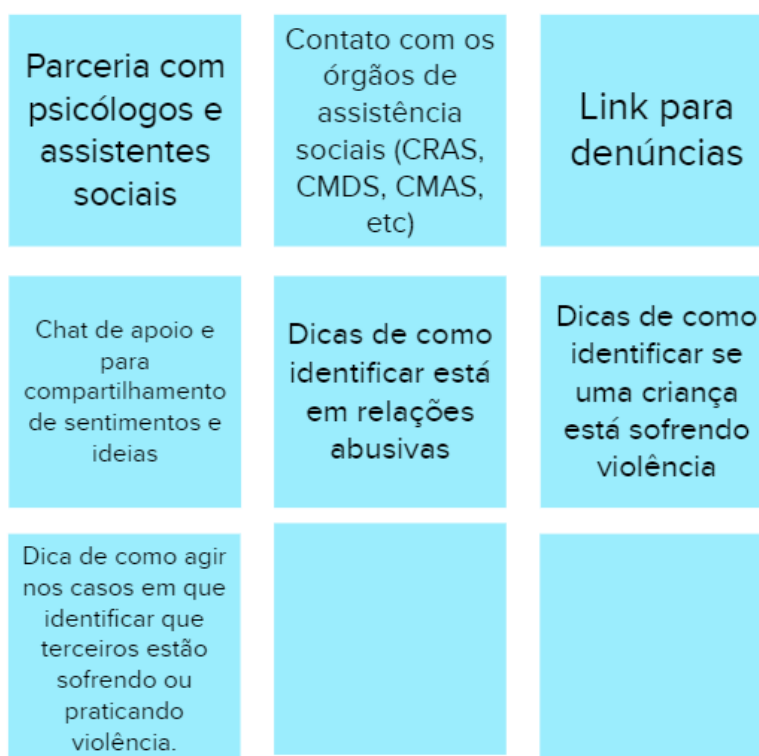
## APÊNDICE C - BRAINSTORMING

Figura 12 - Participante 1



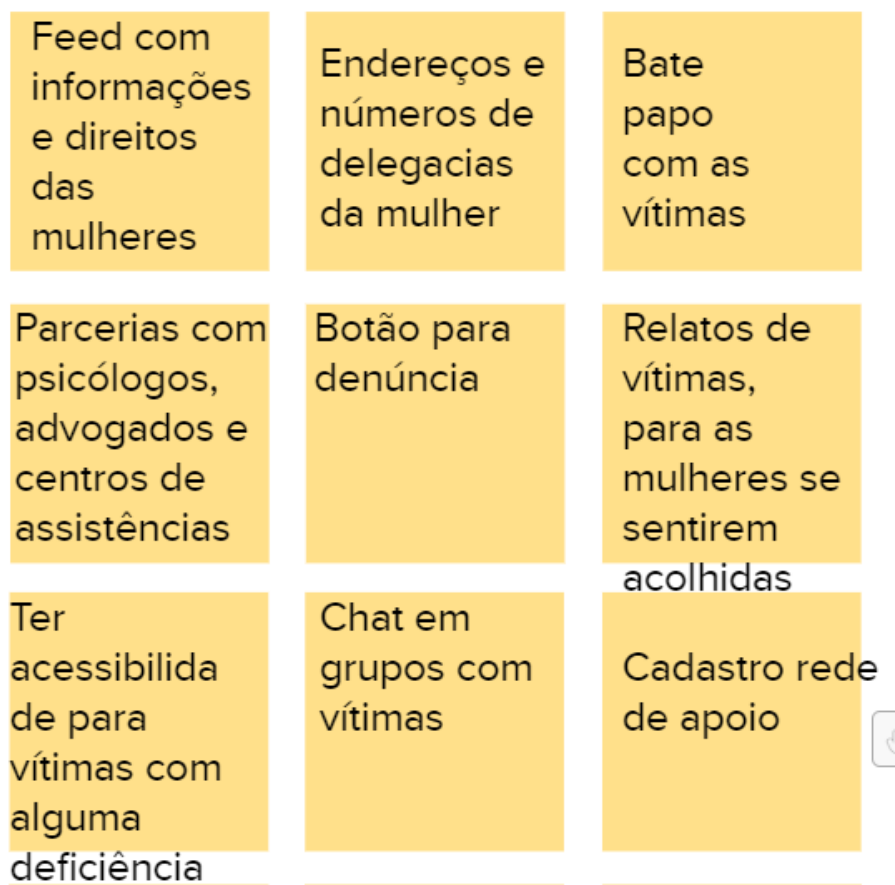
Fonte: Autoria própria

Figura 13 - Participante 2



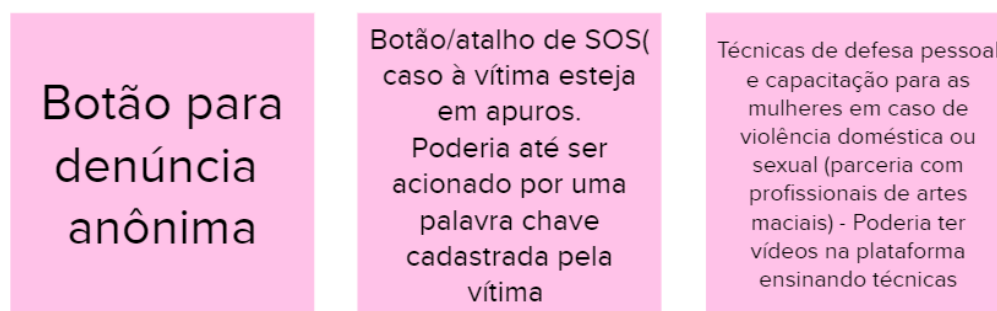
Fonte: Autoria própria

Figura 14 - Participante 3



Fonte: Autoria própria

Figura 15 - Participante 4



Fonte: Autoria própria

## APÊNDICE D - REQUISITOS

### Requisitos funcionais

[R1] O sistema deve permitir que as usuárias postem e comentem de forma anônima em uma seção específica do site para que possam compartilhar suas experiências.

[R2] Ter informações sobre casas de apoio, órgãos públicos, delegacias e afins.

[R3] Conter dicas essenciais para ajudar a mulher em casos de violência com ela ou pessoas próximas.

[R4] O sistema deve ter uma página específica para a rede de apoio e para realizar os atendimentos que as mulheres necessitam.

[R5] Ter um botão para realizar o atendimento necessário com mais facilidade.

[R6] O sistema deve permitir a visualização de números e endereços de delegacias comuns e da mulher por todo o Brasil.

[R7] O sistema deve conter uma página onde é possível realizar uma denúncia de forma online.

[R8] O sistema deve permitir o cadastro de novas profissionais para a rede de apoio

### Requisitos não - funcionais

[R9] O sistema deve ser acessível também para pessoas com deficiência

## APÊNDICE E - ROTEIRO TESTE DE USABILIDADE

Após a leitura você pode sanar todas as suas dúvidas com a moderadora. Porém, após o início da atividade, nenhuma pergunta será respondida, pois as dificuldades com que você compreende as tarefas e as interfaces é parte do que estamos avaliando no produto e no procedimento de teste.

Importante frisar que o sistema é que está em teste, NÃO você. Não hesite em executar as tarefas da maneira que entendeu no enunciado e na interface.

### **Durante a atividade:**

- Execute uma tarefa por vez, na ordem apresentada;
- Pedimos que fale em voz alta o que está pensando ou o motivo de estar executando cada ação. Caso o resultado não seja o esperado, fale o que esperava que acontecesse;
- Quando finalizar uma tarefa, avise a moderadora que considera a tarefa concluída;
- Se estiver com dificuldade na realização da tarefa pedida, você pode desistir a qualquer momento. Avise a moderadora, informando o motivo, e prossiga para a próxima tarefa;
- Ao final de cada tarefa, finalizada ou não, a moderadora poderá fazer algumas perguntas sobre o processo, ações tomadas e escolhas que você fez durante a execução.

Atividade 01: Navegue pela página principal do site para conhecer a proposta do projeto.

Atividade 02: Abra a página de notícias e leia a primeira notícia.

Atividade 03: Localize no mapa locais importantes no estado do Ceará que atendem mulheres em situação de violência.

Atividade 04: No site há várias dicas de como agir em casos de violência. Leia sobre as técnicas de defesa pessoal.

Atividade 05: Suponhamos que você foi vítima de violência e quer se informar sobre como proceder ou quer pedir ajuda a uma profissional da nossa rede de apoio. Procure a página do site onde isso é possível e navegue por ela olhando as informações.

### Perguntas pós-teste

O questionário a seguir é composto por 10 afirmativas e você irá responder para cada uma se discorda totalmente ou concorda totalmente.

1. Eu acho que gostaria de usar esse sistema com frequência.

2. Eu acho o sistema desnecessariamente complexo.
3. Eu achei o sistema fácil de usar.
4. Eu acho que precisaria de ajuda de uma pessoa com conhecimentos técnicos para usar o sistema.
5. Eu acho que as várias funções do sistema estão muito bem integradas.
6. Eu acho que o sistema apresenta muita inconsistência.
7. Eu imagino que as pessoas aprenderão como usar esse sistema rapidamente.
8. Eu achei o sistema atrapalhado de usar.
9. Eu me senti confiante ao usar o sistema.
10. Eu precisei aprender várias coisas novas antes de conseguir usar o sistema.

Pergunta extra: Você tem alguma sugestão ou crítica a fazer sobre o site apresentado?

## APÊNDICE F - RESULTADOS E CÁLCULOS DO FORMULÁRIO DO TESTE DE USABILIDADE

1 - Discordo totalmente

5 - Concordo totalmente

### 1º pessoa:

$$01. 5 - 1 = 4$$

$$02. 1 (5-1) = 4$$

$$03. 5 - 1 = 4$$

$$04. 3 (5-3) = 2$$

$$05. 5 - 1 = 4$$

$$06. 1 (5-1) = 4$$

$$07. 5 - 1 = 4$$

$$08. 1 (5-1) = 4$$

$$09. 5 - 1 = 4$$

$$10. 2 (5-2) = 3$$

Total: 37

$$37 \times 2.5 = 92,5$$

### 2º pessoa:

$$01. 4 - 1 = 3$$

$$02. 1 (5-1) = 4$$

$$03. 5 - 1 = 3$$

$$04. 1 (5-1) = 4$$

$$05. 5 - 1 = 4$$

$$06. 1 (5-1) = 4$$

$$07. 4 - 1 = 3$$

$$08. 1 (5-1) = 4$$

$$09. 5 - 1 = 4$$

$$10. 1 (5-1) = 4$$

Total: 37

$$37 \times 2.5 = 92,5$$

### 3º pessoa:

$$01. 5 - 1 = 3$$

$$02. 1 (5-1) = 4$$

$$03. 5 - 1 = 3$$

$$04. 1 (5-1) = 4$$

$$05. 5 - 1 = 3$$

$$06. 1 (5-1) = 4$$

$$07. 5 - 1 = 3$$

$$08. 1 (5-1) = 4$$

$$09. 5 - 1 = 3$$

$$10. 1 (5-1) = 4$$

Total: 35

$$35 \times 2,5 = 87,5$$

#### 4º pessoa:

$$01. 3 - 1 = 2$$

$$02. 1 (5-1) = 4$$

$$03. 4 - 1 = 3$$

$$04. 1 (5-1) = 4$$

$$05. 4 - 1 = 3$$

$$06. 2 (5-2) = 3$$

$$07. 5 - 1 = 3$$

$$08. 1 (5-1) = 4$$

$$09. 4 - 1 = 3$$

$$10. 1 (5-1) = 4$$

Total: 33

$$33 \times 2,5 = 82,5$$

#### 5º pessoa:

$$01. 4 - 1 = 3$$

$$02. 1 (5-1) = 4$$

$$03. 4 - 1 = 3$$

$$04. 2 (5-2) = 3$$

$$05. 5 - 1 = 4$$

$$06. 1 (5-1) = 4$$

$$07. 5 - 1 = 4$$

$$08. 1 (5-1) = 4$$

$$09. 3 - 1 = 4$$

$$10. 3 (5-3) = 2$$

Total: 35

$$35 \times 2,5 = 87,5$$

Média geral: 88,5

Respostas à pergunta final: Você tem alguma sugestão ou crítica a fazer sobre o site apresentado?

“Uma sugestão de um possível suporte on-line, poderia ser ate um WhatsApp, eu gostei do sistema e bem pratico.”

“nao ele é bem simples e pratico”